

Entrevista à Prof.^a Doutora Sónia Valente Rodrigues

Dariya Antipova

Miguel Correia¹

Antes de mais, queremos cumprimentar a Professora e agradecer-lhe por ter aceitado este convite para a entrevista. Sabemos que a Professora tem experiência no ensino de Português e, também, na formação de professores de Português. Neste sentido, primeiramente, gostaríamos de lhe perguntar o que, de facto, a levou a enveredar por estas difíceis, mas desafiantes áreas do ensino e da formação.

Nunca me imaginei noutra profissão a não ser na docência. A formação inicial de professores é uma componente integrada nesta paixão que nutro pela docência, pelo ensino e pela aprendizagem. Sempre encarei a formação inicial como o espaço de excelência para repensar as questões relacionadas com a Didática de Línguas, em geral, e com a Didática do Português língua materna, em particular, a partir da sala de aula. Trabalhar na área da formação inicial de professores implica, necessariamente, autodisciplina e auto-supervisão pedagógica, que envolve uma atitude de aprofundamento e atualização permanente em assuntos de diferentes áreas científicas relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, para mim foi sempre fundamental manter em paralelo a formação de professores e o exercício da docência, dado que as duas componentes se alimentam reciprocamente. No início da minha carreira, dois anos após a conclusão da licenciatura, a professora Fernanda Irene Fonseca e a Dr.^a Graciete Vilela, que tinha sido minha supervisora pedagógica, convidaram-me para participar na formação inicial de professores. Com efeito, esta tremenda responsabilidade revelou-se um incentivo para mergulhar numa área que se traduziu num contínuo crescimento pessoal e profissional.

Que diferenças encontra entre a sua experiência anterior, na escola, e aquela que tem na faculdade? Quais são os aspetos em que sentiu e/ou sente mais dificuldades?

Embora tenham em comum o ensino e a aprendizagem, estas instituições (Escola Básica e Secundária, por um lado, e Universidade, por outro) estão orientadas para o desenvolvimento de competências específicas diferentes nos alunos ou estudantes. Nos ensinos básico e secundário, os alunos têm entre 12 e 18 anos (se tivermos em consideração, em particular, o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário), ou seja, estão numa fase de crescimento em múltiplas dimensões (física, psicológica, afetiva, cognitiva, artística, relacional, etc.). O professor trabalha em equipa (o conselho de turma) criando oportunidades educativas para o desenvolvimento integral do aluno enquanto indivíduo e enquanto cidadão. Existe, portanto, um escopo largo de atuação educativa, que não se restringe ao que vulgarmente é conhecido como “dar aulas”. Neste sentido, no Ensino Básico e Secundário, o professor encontra-se encarregado de um trabalho complexo que visa o desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico, o estabelecimento de regras de convivialidade e de trabalho em grupo, focalizando-se, simultaneamente, na articulação estreita entre múltiplas áreas de conhecimento. Note-se que a proximidade interdepartamental proporciona relações interdisciplinares que não existem na Faculdade. Por outro lado, a missão do ensino superior pauta-se pelo aprofundamento e especialização do conhecimento, pelo desenvolvimento de competências de investigação científica, pela participação ativa na construção do conhecimento e da investigação, embora não estejam afastadas do seu âmbito as competências transversais.

¹ Estudantes do 1.º ano do Mestrado em Ensino do Português, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

P

Quando um professor começa a trabalhar com uma turma, quem determina os maiores desafios são os alunos.

Como é que a Professora vê o atual ensino da língua materna em Portugal? Quais são, para si, os maiores desafios?

O ensino da língua materna tem contado com alguma estabilidade curricular nos últimos anos. As Aprendizagens Essenciais, respeitando as finalidades e os domínios de aprendizagem da disciplina de Português, proporcionaram a possibilidade de os professores flexibilizarem os modelos pedagógicos de ensino e de aprendizagem. As competências gerais e específicas de Português têm-se mantido estabilizadas: compreensão e expressão oral em contextos progressivamente mais formais de comunicação, leitura, escrita, educação literária, conhecimento explícito da língua e reflexão sobre os seus usos. Quando um professor começa a trabalhar com uma turma, quem determina os maiores desafios são os alunos: é conhecendo-os e avaliando as competências de cada um que o professor pode traçar um percurso estratégico de ensino e aprendizagem para todo o ano letivo. Saber analisar e interpretar cada aluno por si e todos em conjunto é um instrumento crucial para o professor na sua atividade.

Durante o tempo em que trabalhei na escola básica e secundária, um dos maiores desafios com que me confrontei foi o de despertar nos alunos a vontade permanente de aprender (mais e melhor), motivá-los para as aprendizagens específicas do Português de modo a que se envolvessem nas atividades não como tarefas escolares obrigatórias, mas como oportunidades de aprendizagem. O segundo maior desafio foi o de ser capaz de despertar neles o gosto pela leitura e pela escrita. Apercebi-me, ao longo desses anos, que essa finalidade só se atinge com um plano coletivo. É necessário um plano de conjunto de todo o sistema educativo, logo desde a creche, que envolva os professores de todas as áreas disciplinares, a escola como um todo, toda a sociedade. É um trabalho longo, moroso, que deve ser realizado por todos de forma estratégica, intencional e disciplinada.

De uma forma geral, é importante sublinhar que o professor de Português possui uma grande responsabilidade, visto que, como língua materna, é a língua que nos forma. Conseguir contagiar os alunos com a paixão pela língua materna é uma necessidade permanente. Outra área em que é necessário intervir diz respeito às abordagens atuais relativas ao ensino-aprendizagem da gramática. Esta área ficou refém de uma rotina didática assente fundamentalmente na identificação/classificação morfosintática com base em terminologia específica, sem a respetiva problematização e sem articulação com aspetos comunicativos do uso da língua. É crucial repensar o ensino-aprendizagem da língua materna como oportunidade para exercitar o pensamento crítico.

Um método pode ser eficaz numa situação e, com o mesmo professor e a mesma turma, numa outra situação, ser completamente inútil.

E já agora, quais são os métodos modernos e inovadores de ensino da língua materna? Eles existem?

A cada época corresponde um paradigma educativo, que valoriza um conjunto de métodos, que se vão juntando a outros de épocas anteriores, nas práticas escolares. A escola é um local pedagogicamente muito diversificado, em que coexistem diferentes métodos. O atual momento de avanço tecnológico e digital tem potenciado o incremento de alguns métodos, que se revestem agora de novas roupagens, como o *flipped classroom*, por exemplo. Em todo o caso, sendo o método uma componente fundamental, não é um fim em si, nem será talvez o mais importante no processo de ensino e aprendizagem. O que é verdadeiramente importante é o conhecimento profissional do professor, de que faz parte o domínio do maior número possível de métodos, mas também a capacidade de saber interpretar o contexto de ensino-aprendizagem específico e de saber adequar o método a esse contexto, em particular aos alunos, para que as suas aprendizagens sejam significativas. Um método pode ser eficaz numa situação e, com o mesmo professor e a mesma



turma, numa outra situação, ser completamente inútil. O professor deve ter um conhecimento atualizado e sólido também relativamente aos métodos, mas deve ter sobretudo um conhecimento profissional específico para os saber usar e adaptar às circunstâncias e aos objetivos de aprendizagem. Sendo assim, não se deve sobrepor o método à análise constante do que sucede na sala de aula, sendo que este deve ser encarado como uma ferramenta que o professor pode utilizar e que o auxilia na resolução dos desafios com que se depara.

Na verdade, os alunos que nos desafiam promovem o nosso crescimento profissional.

Na sua experiência pessoal, como professora de Português no Ensino Básico e Secundário, provavelmente já terá tido contacto com alunos que não tinham interesse pela disciplina. Como se consegue, hoje, captar a atenção desses alunos? E, acima de tudo, mostrar-lhes que em Português também se trabalha? Há algum segredo?

Durante os 10 anos de docência na Escola Secundária com 3.º ciclo do Ensino Básico de Vilela (entre 2006 e 2016), tive muitíssimos alunos que diziam que não tinham interesse nas aulas de Português, que diziam não gostar de ler, nem de escrever, que diziam que estar nas aulas era um esforço enorme que desejavam não ter de fazer. Questionavam permanentemente: para que preciso disto? Que importância tem para a minha vida isto? Por que razão tenho de estudar este ou aquele autor? Devo dizer que captar a atenção dos alunos, senti-los motivados, ver neles aquele brilho especial nos olhos durante uma atividade de aprendizagem é o mais difícil de conseguir e, simultaneamente, o que mais preenche qualquer professor quando é conseguido. Na verdade, os alunos que nos desafiam promovem o nosso crescimento profissional. O currículo apresenta uma configuração em espiral, uma vez que regressa sempre às mesmas competências, o que pode potenciar a impressão, por parte dos alunos, de que se encontram sempre a estudar os mesmos assuntos. Por isso é fulcral que seja o professor a marcar a evolução e o desafio constante, de modo a que cada aula constitua uma superação.

Não há segredos. Esses momentos de ouro – despertar nos alunos o interesse por aprender o que estamos a ensinar – acontecem com muito trabalho do professor, com muita paciência, com muito esforço, individual e coletivo, daqueles professores que nunca desistem dos alunos. O mais fácil é fazer com que o aluno saia da sala de aula, fique para trás com retenção, mude de turma, de curso ou de escola. Mas o que dá um sentido especial ao trabalho do professor é tentar sempre até conseguir compreender os alunos, conhecer as suas frustrações e expectativas, ajudá-los a construir um percurso com sentido. A haver segredo, ele estará sobretudo na relação pedagógica que se estabelece entre o professor e os alunos, sendo que a motivação é o cerne.

Que papel espera que os alunos desempenhem na aula de Português? Nota alguma diferença entre o desempenho dos alunos em Português e nas outras áreas curriculares?

Não tenho a expectativa de um papel estereotipado de alunos na aula de Português. Cada aluno é uma pessoa por quem nutro sempre uma admiração enorme, por tudo o que é e pelo que pode vir a ser. É um privilégio poder acompanhá-los durante uma fase das suas vidas. É um privilégio participar no seu desenvolvimento como pessoas e cidadãos. Relativamente às aprendizagens específicas de Português, espero sempre, por um lado, que os alunos aprendam a usar a sua língua materna de uma maneira cada vez mais intencional e consciente, em contextos cada vez mais formais e mais desafiantes; e, por outro lado, que desenvolvam o seu pensamento crítico através da linguagem e refletindo sobre a língua que usam. E isto implica conseguir despertar neles o hábito de ler, de defenderem as suas ideias, de escreverem, de intervirem de modo ativo, de se orgulharem da sua história e do seu património cultural, de contribuírem para o progresso do seu país. Os alunos dizem, muitas vezes, que as aulas de Português são repetitivas e aborrecidas e têm a sensação de que estão sempre a trabalhar nas mesmas coisas, porque se volta sempre às mesmas competências em diferentes textos e níveis de ensino. Portanto, o professor deve a cada aula desafiar os seus alunos a superar cada nível de evolução, motivando-os. Em Português, acho que nos falta exatamente essa componente do desafio.

P

Ver os meus colegas a trabalhar, professores universitários (de Medicina, Engenharia, História...) e professores do ensino básico e secundário (de Físico-química, Biologia, Inglês...), ajudou-me a compreender muitíssimo melhor e a trazer para as minhas aulas de Português gestos, procedimentos, métodos e discursos que passaram a fazer mais sentido.

Considerando que o trabalho colaborativo tem ganho cada vez mais peso, e, tendo tido a Professora experiência de trabalho em colaboração com outros professores, que reflexão faz dessas experiências?

O trabalho colaborativo é sempre enriquecedor, porque nos obriga a processos de revisão do que sabemos e de confronto de perspetivas. Na verdade, é uma condição para a profissão de professor: o professor não consegue trabalhar bem se não trabalhar com os outros. A escola é uma organização muito complexa, em que intervêm múltiplos agentes educativos (professores de diversas áreas disciplinares, psicólogos, mediadores, pais e encarregados de educação, técnicos operacionais e administrativos, representantes de órgãos do poder autárquico, técnicos de diversas instituições...) e em que se trabalha continuamente em equipa (conselho de turma, conselho de diretores de turma, departamento, grupo de área disciplinar, conselho pedagógico, etc.). Também do ponto de vista do ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, um professor tem muito a ganhar com a colaboração. Para ilustrar essa importância, vou destacar um projeto que a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto desenvolve há anos, quer nos ensinos básico e secundário, quer no ensino superior, assente no trabalho colaborativo. Esse projeto tem a designação de "Observação de pares multidisciplinares como forma colaborativa de supervisão pedagógica" (OBVIE), no ensino superior "De Par em Par". Consiste num conjunto de procedimentos de observação de aulas entre professores de diferentes áreas disciplinares, implicando um debate e uma reflexão conjunta após a observação. Ver os meus colegas a trabalhar, professores universitários (de Medicina, Engenharia,

História...) e professores do ensino básico e secundário (de Físico-Química, Biologia, Inglês...), ajudou-me a compreender muitíssimo melhor e a trazer para as minhas aulas de Português gestos, procedimentos, métodos e discursos que passaram a fazer mais sentido. Ao fim e ao cabo, aprendemos uns com os outros e encontramos, muitas vezes, modos eficazes de resolver problemas. É claro que existe, por vezes, a tentação da autossuficiência e a ideia de que sozinhos poderíamos ir mais depressa, porque a colaboração não é sempre um processo cor de rosa. Pelo contrário, o trabalho colaborativo envolve sempre uma certa tensão e um certo potencial de conflitualidade, que derivam das perspetivas em confronto. Faz parte do processo. É necessário aprender a trabalhar em colaboração, para que essa tensão ou certo conflito latente não seja um impedimento ao avanço do trabalho, mas seja um momento que sinaliza algo que deve ser negociado ou trabalhado até um consenso.

Podemos ir mais devagar, mas o percurso é mais consistente e completo.

Tendo em conta o trabalho que a Professora tem realizado na área da Investigação, quais considera serem os maiores desafios dessa área no Ensino de Português e no ensino da Didática das Línguas?

Se tomarmos a Didática do Português como área de estudo que tem por objeto o ensino e a aprendizagem da língua materna, um dos grandes desafios em Portugal é o de aumentar a investigação sobre as suas "práticas, processos, condições e fatores influenciadores" (como refere Isabel Alarcão), tendo por base a sala de aula. Em várias instituições de ensino superior, em que se investe na formação inicial de professores, tem sido realizada investigação qualitativa em diversos domínios da Didática do Português. Há investigadores portugueses que têm contribuído grandemente para o conhecimento didático específico relacionado, por exemplo, com o ensino da escrita, com o ensino da leitura, com o ensino da gramática, com o ensino da oralidade, com o ensino da literatura. Seria necessário, contudo, que essa investigação baseada em sala de aula aumentasse. Aliás, como dizia o Professor António Nóvoa, a Formação de Professores só faz sentido dentro da escola, dentro de uma sala de aula. Esse olhar a partir de dentro é fundamental.



Tudo o que aprendi de Literatura, História, Cultura, Linguística, Organização e Desenvolvimento Curricular, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Teoria Geral dos Sistemas, Metodologia do Ensino do Português, Didática, Línguas Estrangeiras, foi e é muito importante para o meu trabalho de professora.

Quais são os principais problemas encontrados pelos alunos que produzem trabalho de investigação em contexto universitário, seja em complementaridade com as unidades curriculares ou autonomamente? Que iniciativas podem ser adotadas pelas Faculdades com vista a promover este "espírito investigador"? Ao fim e ao cabo, como se formam professores investigadores?

A formação inicial de professores não pode estar distante do local por excelência da atividade docente: a sala de aula. Deste modo, só com uma colaboração estreita entre as instituições do ensino superior e as escolas básicas e secundárias é que esse processo complexo e longo de "tornar-se professor" é possível. E esta parceria não se limita ao ano de estágio. Tem de estar a montante do processo. A sala de aula é o cerne do processo: tem, por isso, de estar aberta aos professores em formação para atividades que possam ser planificadas em conjunto com professores e formadores. A Faculdade de Letras do Porto tem, de há uns anos a esta parte, desenvolvido um projeto de colaboração entre instituições para a formação inicial de professores. Começou com a unidade curricular de Oficina de Gramática de Língua Portuguesa (com o projeto SEI, da Câmara do Porto, em 2015-2016) e já se estendeu a Didática do Português I e II (em 2019-2020). Os estudantes, no ano anterior ao do estágio, desenvolvem projetos de intervenção educativa monitorizada em escolas dos ensinos básico e secundário. Além das aulas que realizam e dos materiais didáticos que produzem, os estudantes são incentivados a divulgarem os resultados das suas pesquisas em encontros científicos relacionadas com a Didática do Português. No segundo ano do curso, a que corresponde o estágio, esses estudantes realizam projetos de investigação-ação, cujos resultados se divulgam

com a publicação dos Relatórios e num encontro científico designado Relatórios em Relato. Considero que o caminho percorrido tem trazido evidências de eficácia. Será importante reforçar os mecanismos de colaboração que existem atualmente entre escolas dos ensinos básico e secundário e instituições do ensino superior e dar continuidade ao trabalho até agora desenvolvido.

Nenhum professor pode ser minimamente bom profissional se não estiver sempre a estudar e a investigar.

Por fim, gostaríamos de saber o balanço que a professora faz do seu percurso profissional. A sua formação inicial teve influência no modo como ensina hoje a Didática das Línguas, em geral, e a Didática do Português, em particular?

A minha formação inicial foi crucial para o meu percurso profissional. Realizei o curso de Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, ramo Educacional, na Faculdade de Letras do Porto, entre 1989 e 1994, correspondendo 1993-1994 ao ano de estágio realizado na Escola Secundária da Maia. Tive professores extraordinários, aos quais estou muito grata e que tenho sempre em mente. Tudo o que aprendi de Literatura, História, Cultura, Linguística, Latim, Organização e Desenvolvimento Curricular, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Teoria Geral dos Sistemas, Metodologia do Ensino do Português, Didática, Línguas Estrangeiras, foi e é muito importante para o meu trabalho de professora. No entanto, não foi suficiente, nem nunca pode ser. Aliás, nem é desejável que seja! Os professores que tive ensinaram sobretudo a necessidade da exigência, a importância da solidez do conhecimento no sentido amplo do termo, a obrigatoriedade da insatisfação, o que me levou a nunca parar de estudar e a ter sempre a consciência de que o meu conhecimento tem fragilidades. Nenhum professor pode ser minimamente bom profissional se não estiver sempre a estudar e a investigar. Não é possível. É uma constante da sua profissão. No ano de estágio, aprendi a ser professora com duas pessoas de um elevado nível profissional: Graciete Vi-

P

lela, minha metodóloga (como então se dizia) e Margarida Negrais, minha orientadora. Incutiram-me a ideia de que ser professor de Português é uma grande responsabilidade e a preparação de cada aula deve ser feita com rigor e máxima exigência. Durante este ano foi crucial no meu desenvolvimento como professora de Português o livro de Emília Amor, *Didática do Português*, a que continuo a recorrer. Este primeiro ano de docência marcou-me para sempre. Mas foi apenas o princípio, o ponto a partir do qual me fui tornando a professora de hoje. É impensável imaginar

que aquilo que se aprende entre 1989 e 1994 é suficiente para uma vida de docência que poderá vir a manter-se até 2036. É claro que a formação iniciada nessa época se vem desenvolvendo, complementando e aprofundando, de modo a ser possível responder à diversidade de contextos educativos e de desafios curriculares. A minha formação inicial foi, de facto, basilar e deu-me as fundações necessárias para que eu depois mobilizasse e reutilizasse o conhecimento que se foi e que se vai ainda construindo.